



Faculdade de Pindamonhangaba



Edméa Correa da Silva

Rone Max Helker

**ACONSELHAMENTO: Um Contraste Entre o Aconselhamento
Pastoral e a Literatura de Autoajuda**

**Pindamonhangaba – SP
2016**



Faculdade de Pindamonhangaba



Edméa Correa da Silva

Rone Max Helker

ACONSELHAMENTO: Um Contraste Entre o Aconselhamento Pastoral e a Literatura de Autoajuda

Artigo científico apresentado como parte dos requisitos para a obtenção do Diploma de Bacharel pelo Curso de Teologia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Orientador: Prof. Me. Gabriel Aquino da Cruz

**Pindamonhangaba – SP
2016**

Helker, Rone Max ; Silva, Edméa Correa

Aconselhamento: um contraste entre o Aconselhamento Pastoral e a Literatura de Autoajuda / Rone Max Helker; Edméa Correa da Silva / Pindamonhangaba-SP : FAPI – Faculdade de Pindamonhangaba, 2016. 27f.

Artigo (Graduação em Teologia) FAPI-SP.

Orientador: Prof. Me. Gabriel Aquino da Cruz.

1 Aconselhamento. 2 Aconselhamento Pastoral. 3 Autoajuda. 4 Cuidado
I Aconselhamento: um contraste entre o Aconselhamento Pastoral e a Literatura de Autoajuda II Rone Max Helker; Edméa Correa da Silva.

À

Banca Examinadora

O artigo em questão será encaminhado à Revista Eletrônica de Ciências Humanas da FUNVIC para publicação, portanto esclareço à Banca que por se tratar de um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) há uma divisão na formatação: no início do trabalho, seguem as normas da Instituição FUNVIC e, a partir do sumário, seguem as normas da revista.

Agradecemos pela compreensão.

Edméa Correa da Silva

Rone Max Helker



Faculdade de Pindamonhangaba



Edméa Correa da Silva

Rone Max Helker

ACONSELHAMENTO: Um Contraste Entre o Aconselhamento Pastoral e a Literatura de Autoajuda

Artigo científico apresentado como parte dos requisitos para a obtenção do Diploma de Bacharel pelo Curso de Teologia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Orientador: Prof. Me. Gabriel Aquino da Cruz

Data: 16/11/2016

Resultado:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Gabriel Aquino da Cruz

FUNVIC Pindamonhangaba

Assinatura _____

Prof. Ricardo Alexandre Carvalho

FUNVIC Pindamonhangaba

Assinatura _____

Prof.^a Ma. Alessandra J. V. Figueiredo

FUNVIC Pindamonhangaba

Assinatura _____

À nossa amada família, queridos amigos e competentes professores, que nos inspiraram, compreenderam e auxiliaram ao longo dessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus soberano por minha vida, família, igreja e amigos.

À minha amada esposa Édina que me deu todo suporte emocional necessário para execução deste trabalho e aos meus filhos João Carlos, Pollyana, Thiffany, Mayara e Matheus pelo amparo.

Aos meus pais pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

À Fundação Vida Cristã, pela oportunidade de graduar em seu espaço acadêmico e por ter em sua equipe, professores competentes que me proporcionaram uma formação de excelência.

Ao coordenador e orientador Prof. Me. Gabriel Aquino da Cruz, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação e contribuíram com meu desenvolvimento.

Rone Max Helker

Agradeço primeiramente a Deus que me manteve no foco para não desistir dos meus sonhos, ao ensinamento dos professores, ao apoio das minhas filhas Bárbara Meklin e Lilian Karla, amigos e a toda minha família principalmente a minha mãe Irene que me deu força e incentivo.

Edméa Correa da Silva

“Exortamos vocês, irmãos, a que advertam os ociosos, confortem os desanimados, auxiliem os fracos, sejam pacientes para com todos.”

(1 Tessalonicenses 5:14)

RESUMO

Cada vez mais pessoas apresentam problemas emocionais, psicológicos e espirituais, relacionados aos contextos dos ambientes em que vivem. Diante desses fatos, como quem trata de doenças físicas, é também constante o aumento da procura por tratamentos para aliviar ou prevenir essas dores. O presente artigo tem como objetivo trazer a tona o questionamento quanto ao aconselhamento pastoral versus essa atual demanda, no qual se busca analisar os paradigmas do aconselhamento pastoral confrontando-os com a prática da leitura das bibliografias de autoajuda, na busca de identificar aspectos da eficiência de ambas as práticas na efetividade da transformação humana. Apresenta também conceitos relativos ao tema, para o entendimento das dimensões do aconselhamento pastoral e da autoajuda, através dos processos de leitura de bibliografias. Essa pesquisa justifica-se pela necessidade de disseminação do assunto e embora os temas relacionados aos problemas do cotidiano da humanidade, como conflitos emocionais, depressões, traumas, entre outros, sejam recorrentes, pouco se houve falar de formas alternativas de ajuda. Como resultado e com embasamento no entendimento de que as orientações guiadas pelas escrituras sagradas possibilitam estabelecer uma renovação interna que refletirá no exterior, como consequência dessa mudança, pode-se afirmar que a prática do aconselhamento pastoral é mais eficiente. Notou-se que a literatura de autoajuda pode surgir para os indivíduos como um meio de compreensão e de busca de si mesmos durante suas crises de identidade pós-moderna, mas que nem sempre esse processo será eficaz por não considerar as particularidades da vida do indivíduo e as adversidades de seu contexto.

Palavras-chaves: Aconselhamento Pastoral, Literatura de Autoajuda, Autoajuda.

ABSTRACT

More and more people have emotional, psychological and spiritual problems related the context to the environments in which they live. Given these facts, such as those dealing with physical ailments, it is also constantly increasing demand for treatments to alleviate or prevent these pains. This article aims to bring up the question as to pastoral counseling versus this current demand, which seeks to analyze the pastoral counseling paradigms confronting them with the practice of reading the self-help bibliographies, in order to identify aspects of efficiency both practices in the effectiveness of human transformation. It also presents concepts related to the subject, to understand the dimensions of pastoral counseling and self-help through the bibliographies of reading processes. This research is justified by the need to spread the subject and although issues related to mankind's everyday problems, such as emotional conflict, depression, trauma, among others, are recurrent, there was little talk of alternative forms of aid. As a result and with basis on the understanding that the guidelines guided by the Holy Scriptures possible to establish an internal renewal that will reflect on the outside as a result of this change, it can be said that the practice of pastoral counseling is more efficient. It was noted that the self-help literature may arise for individuals as a means of understanding and search for themselves during their post-modern identity crisis, but that does not always process will be effective for not considering the particularities of the individual's life and the odds of context.

Keywords: Pastoral counseling, Self-Help Literature, Self Help.

SUMÁRIO

Introdução	11
Aconselhamento Pastoral.....	12
Definição de Aconselhamento.....	12
Definição de Aconselhamento Pastoral.....	13
Aconselhamento Pastoral e a Teologia.....	15
A iniciativa pastoral: O papel do conselheiro.....	16
A orientação por meio do aconselhamento pastoral.....	18
Definição de Autoajuda.....	19
As literaturas de autoajuda.....	20
O processo de transformação por meio das literaturas de autoajuda.....	21
Considerações Finais.....	22
Referências.....	25
ANEXO – Normas da Revista Eletrônica de Ciências Humanas da FUNVIC.....	27

Introdução

Na atualidade, cada vez mais, encontram-se pessoas que apresentam problemas emocionais, psicológicos e espirituais, relacionados aos ambientes onde estão inseridas e aos seus relacionamentos interpessoais. Não raramente, essas questões os levam a uso constante de medicações para atenuar as “dores da alma”. E, não poucas vezes, esses problemas chegam até mesmo a acarretar tentativas e sucessos no suicídio.

Diante desses fatos, como quem trata de doenças físicas, é também constante o aumento da procura de tratamentos para aliviar ou prevenir essas dores. Existem várias alternativas de cuidados para evitar a situação extrema. Uma das formas mais conhecidas são as psicoterapias, nas quais se buscam através do autoconhecimento articular as motivações para a realização das mudanças necessárias na vida. Além dessas, encontramos hoje propostas de intervenções em grupos buscando qualidade de vida por meio de atividades preventivas de saúde, práticas de esportes, entre outras.

Recentemente, vemos crescer a demanda pelas conhecidas literaturas de autoajuda. Por isso, a questão central deste artigo é trazer a tona o questionamento quanto ao aconselhamento pastoral versus essa atual demanda. Busca-se analisar os paradigmas do aconselhamento pastoral, confrontando-os com a prática da leitura das bibliografias de autoajuda, encontrando aspectos da eficiência de ambas as práticas na efetividade da transformação humana.

Tem-se como objetivo específico definir conceitos relativos ao tema, entender as dimensões do aconselhamento pastoral, e definir a autoajuda por meio dos processos de leitura de bibliografias.

No entanto, faz-se necessário também o entendimento de que a Bíblia por si só, não pode ser compreendida como um manual de aconselhamento, devendo esse aspecto ser analisado com objetividade. Não se trata de um manual com conteúdos metodologicamente organizados, onde se encontre tópicos listados para o aconselhamento, ou o remédio para os problemas das pessoas.

Interpretar as necessidades de quem busca o aconselhamento pastoral e buscar referências nos versículos bíblicos para uma orientação, é uma atividade de muita responsabilidade e requer dedicação para tal feito. Porém, parte-se do pressuposto de que se houver o preparo adequado para a compreensão das palavras de Deus de forma ampla, abrangente, pode-se entender sua orientação para a vida do homem, tanto no todo como nos particulares de uma forma efetiva, tratando as dores da humanidade “de dentro para fora” (CRABB, 1992).

Este trabalho justifica-se pela necessidade de disseminação do assunto. Embora os temas relacionados aos problemas do cotidiano da humanidade, como conflitos emocionais, depressões, traumas, entre outros, sejam recorrentes, pouco se houve falar de formas alternativas de ajuda. As intervenções psicoterapêuticas nem sempre são acessíveis a grande parte da população e entende-se

que ambas as formas abordadas pelos autores, de aconselhamento pastoral e de livros de autoajuda, são de forma geral práticas que podem contribuir com a população. Isto, devido ao baixo ou nenhum custo para quem precisa. Buscando então este estudo entender suas dimensões e efetividade na ação.

O estudo está delimitado a revisões bibliográficas em livros e artigos, nas áreas de aconselhamento pastoral e autoajuda, com enfoque nas práticas e intervenções do cotidiano. Apresentam-se métodos de pesquisa baseados na forma descritiva, com objetivo de estabelecer a relação entre as variáveis no objeto de estudo analisado. Para tanto, definiu-se como ferramentas de coletas, levantamento bibliográfico embasado em livros, artigos, teses, dissertações e sites reconhecidos na área (DUARTE, 2013).

Aconselhamento Pastoral

Faz-se necessário, antes de qualquer atividade a ser desenvolvida neste trabalho, uma definição clara dos termos usados no recorte. Isto devido aos vários significados atribuídos que poderiam receber, se assim não fosse realizado, principalmente em relação ao termo “Aconselhamento”, que segundo Roger F. Hurding, mesmo depois de uma significação evidente ainda precisa responder uma série de perguntas, tais como:

Pode o aconselhamento da atualidade ser visto num vínculo histórico com o cuidado pastoral? Caso em sentido mais amplo isso não aconteça, pode-se considerar que seus componentes “pastorais”, “cristãos” e “bíblicos” ou só um deles estejam totalmente dentro desse legado? Além do mais, qual a relação entre o aconselhamento feito por cristãos e a evangelização? São sinônimos? São distintos? Sobrepõem-se? E que dizer da psicoterapia? Muitos falam de psicoterapia e aconselhamento como se fossem uma única coisa. São? Ou existem claras distinções entre eles? (HURDING, 1995, p. 30).

Diante do exposto por Hurding percebe-se que os questionamentos são inevitáveis, embora sejam assim verdadeiros, não é o objetivo deste trabalho dar respostas a todas estas perguntas, mas intentar uma ou mais definições do que é aconselhamento para satisfazer uma boa parte delas. Como também fazer um levantamento dos aspectos que diferenciam o aconselhamento das literaturas de autoajuda.

Definição de aconselhamento

Ao realizar uma busca simples pela definição inicial do termo “aconselhamento”, em dicionários, as definições encontradas sempre permeiam o entendimento de que este é o ato ou efeito de aconselhar. O verbo “aconselhar”, por sua vez, é entendido como “dar conselho”, “procurar persuadir”, “advertir”, “tomar conselho”.

Na compreensão de Schneider-Harpprecht (1998) aconselhamento é a práxis de ajuda a pessoas com problemas de saúde, problema psíquico, social ou religioso por meio de curto ou médio prazo com uma pessoa ou um grupo qualificado.

Segundo a Associação Brasileira de Conselheiros Bíblicos – ABCB, quando falamos de aconselhamento, deve-se compreender que embora essa palavra seja única na língua portuguesa, na língua grega, tem sua origem em duas, νοῦς (mente) e θετέω (colocar), que objetivamente traduzida para o idioma português, significa “colocar na mente”. Assim, quando os termos “bíblico ou pastoral” são associados a esta, pode-se entender a expressão como “colocar na mente das pessoas as escrituras, para aconselhar nas questões cotidianas”.

Definição de aconselhamento pastoral

O termo “aconselhamento pastoral”, que atualmente já é bastante usado pelas igrejas protestantes brasileiras, é a tradução de Pastoral Counseling, expressão usada nos Estados Unidos da América a partir do século XX. Além de aconselhamento pastoral, outros termos como poimênica, clínica pastoral, que é o acompanhamento pastoral em hospitais, e psicologia pastoral, que interpreta a pastoral numa perspectiva psicológica, tem sido usados quando se refere à relação de ajuda na área da saúde no contexto da Igreja.

De acordo com Clinebell (2011, p. 25), o aconselhamento pastoral “que constitui uma dimensão da poimênica, é a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento [...]”. Dentro desta perspectiva observa-se que o aconselhamento pode ser usado para acolitar qualquer ser humano que esteja disposto a submeter-se a ele.

O autor Gomes declara que:

[...] o aconselhamento cristão não deveria ser considerado como uma especialidade separada do aspecto pastoral e da comunhão cristã na igreja. Para o pastor, as habilidades para o aconselhamento são tanto parte do preparo e da entrega de sermões quanto da prontidão para responder aos seus ouvintes após a mensagem. É preciso que o pastor seja hábil interprete da palavra e de pessoas, se ele quiser ser efetivo no ministério. (GOMES, 2004, p. 8)

Também nesse sentido, Richard Baxter que é considerado um destaque como pastor, evangelista e escritor de temas práticos, de sua época, afirma que:

Em razão do povo desconhecer o ofício do ministério, e seu próprio dever e necessidade a esse respeito, é nossa responsabilidade instruir e publicamente convidar as pessoas para nos procurar para aconselhamento sobre as grandes questões da alma. Devemos não apenas dispor-nos a ouvir seus problemas, mas, também, a compartilhar seu peso. (BAXTER, 2008, p. 75)

Desta forma, pode-se entender que tanto para Gomes (2004) quanto para Baxter (2008), a tarefa do aconselhamento cristão era parte da atividade pastoral, cabendo ao pastor o fomento à prática, e devendo ele ainda instruir e convidar as pessoas para o aconselhamento.

Segundo Gomes (2004, p. 8) “certamente, há lugar para o especialista, como em todas as outras áreas ministeriais. Contudo, em geral, o aconselhamento cristão deve ser visto como a habilidade relacional de ajuda mútua para o conhecimento de Deus e do homem.”. Diante das perspectivas no aconselhamento, o autor ainda declara que para que a sua proposta seja entendida, será preciso compreender o uso de perspectivas na Bíblia e na teologia por meio de analogias e metáforas, de temas e de palavras. Para esse autor, a proposição deste modelo de aconselhamento não é, pois, a proposta de uma “escola” de aconselhamento cristão, mas uma aplicação ampla do evangelho ao aconselhamento. O modelo de aconselhamento cristão opera com a pregação bíblica conduzindo pela mão os ouvintes da maneira como a Escritura ensina.

Uma das atividades mais relevantes do aconselhamento pastoral é o cuidado com o próximo. O termo “cuidado” foi definido por Boff como:

[...] aquela condição prévia que permite o eclodir da inteligência e da amorosidade, o orientador antecipado de todo comportamento para que seja livre e responsável, enfim tipicamente humano. Cuidado é gesto amoroso para com a realidade, gesto que protege e traz serenidade e paz. Sem cuidado, nada que é vivo sobrevive. O cuidado é a força maior que se opõe à lei da entropia, o desgaste natural de todas as coisas, pois tudo de que cuidamos dura muito mais. (BOFF, 2004, p. 22).

No aconselhamento como em todos os relacionamentos pessoais, o microcosmo modela o macrocosmo, isto é, a experiência do relacionamento intra-aconselhamento reflete, ou deveria refletir a vida comum. É certo que o aconselhamento tem o objetivo de nos ajudar na solução de problemas, mas mais importante do que isso é nos auxiliar a sermos cada vez mais parecidos com Cristo e desfrutarmos de paz e alegria independentemente das circunstâncias (GOMES, 2004).

As metas dos conselheiros dependem em parte das necessidades e desejos dos que buscam sua ajuda. A personalidade, os valores e as atitudes do conselheiro são de suma importância para que haja um bom relacionamento de ajuda, ele precisa ser amável e ter empatia, cordialidade e autenticidade para com seus aconselhados, mesmo em ocasiões que o indivíduo seja pego em pecado, o conselheiro pode ser firme no falar, porém compassivo e respeitoso. Ele precisa estar andando em relacionamento diário com Jesus Cristo para evitar exageros. (COLLINS, 2004).

Destarte, Baxter (1998, p. 45) vai dizer que: “Muitos julgam o conselho que recebem pelo modo como recebem a afeição do seu conselheiro.”, por isso o conselheiro é parte muito importante do aconselhamento pastoral.

Crê-se que aconselhamento pastoral é uma matéria em pleno desenvolvimento, portanto poderão surgir melhores definições no futuro. Enquanto isto não ocorre, usaremos neste trabalho

para seu significado a arte de cuidar das pessoas para que consigam ser curadas de suas aflições, seus medos e seus conflitos internos.

Aconselhamento pastoral e a teologia

De acordo com Manzatto (2007, p. 67) um dos possíveis conceitos atribuídos a teologia é o de dizer que ela “se constitui como um saber racional cujo objeto é dado pela revelação, transmitida e interpretada na Igreja sob a autoridade do magistério, e recebida pela fé”. Nesse contexto, se reconhece primeiramente que a teologia é um saber, um conhecimento que, pela própria natureza pode progredir.

Conseqüentemente, a teologia é definida como um saber racional, e é classificada assim como científica. Ainda em sua definição se diz que o objetivo desse conhecimento é transmitido pela revelação, e que é ínsita a afirmação de que a teologia nasce na fé, não sendo uma simples dedução da razão. É entendida como a ciência ou estudo que se ocupa de Deus, de sua natureza, de seus atributos e de suas relações com o homem e com o universo, e desta forma, a teologia traz em sua essência o aconselhamento no contexto da mediação, que acontece na interseção dessas relações (MANZATTO, 2007).

A partir da definição de Schneider-Harpprecht (1998), como já citada no presente artigo, na qual se abrange o campo do aconselhamento para diversas áreas da vida cotidiana, sua ótica de cuidado perante a vida religiosa é que a teologia toma forma e cria uma ligação direta entre conselheiro e aconselhado.

Na teologia, o aconselhamento se apresenta na postura da inclusão e de abertura para diferentes aspectos, ou seja, escolas teológicas (científicas). Porém, não se contrapõe a sua natureza divina, muito pelo contrário, elas acabam por se complementarem nos modelos e concepções do aconselhamento pastoral, como por exemplo, nas perspectivas bíblicas, psicológicas, sociológicas e filosóficas.

Dentre essas diversas formas de aconselhamento, pode-se diferenciar os aconselhamentos psicológicos do aconselhamento pastoral, na perspectiva do tipo de problema e a qualificação dos conselheiros. Elucidando, pode-se dizer que o aconselhamento psicológico tem suas premissas apoiadas nas dificuldades de ordem psíquica e psicossocial dos indivíduos, e que seus profissionais apresentam uma formação psicoterapêutica específica, ao passo, que o aconselhamento pastoral, traz um enfoque nas dificuldades e conflitos vivenciados pelas pessoas, porém, sob o ponto de vista religioso e espiritual, onde seus conselheiros apresentam uma formação específica em aconselhamento pastoral.

O aconselhamento pastoral, além da interface com essas outras disciplinas da teologia, especialmente com as atividades práticas da teologia, conforme Schneider-Harpprecht (1998), acontece numa interligação com outras dimensões da vida religiosa comunitária. A interligação dessas dimensões faz com que todas adquiram um significado poimênico, onde por sua vez poderá incluir elementos litúrgicos, elementos de missão e elementos diacônicos, que podem gerar, por exemplo, atividades de oração, testemunho, louvor, visitação, entre outras.

A iniciativa pastoral: O papel do conselheiro

De acordo com Coelho (2011) “ao aconselhar, o pastor não apenas cumpre uma tarefa atinente ao seu ministério. Ele se capacita para o ministério pastoral, no trato com o rebanho”. Nesse processo, ele descobre suas necessidades, e pode entender as carências do público que assiste, assim como diagnosticar seu estágio espiritual. A prática do aconselhamento permite o diagnóstico dos problemas que cercam a comunidade cristã, orientando os caminhos que o ensino do púlpito deve seguir. Em resumo, acredita que o gabinete pastoral acaba por exercer a função de um termômetro que indicará algumas enfermidades da igreja, e irá indicar a direção que a preleção deve tomar.

No entanto, uma ressalva deve ser feita. Cabe ao conselheiro à discrição e o discernimento diante das confissões que lhes são feitas. Dessa forma, embora as atividades de aconselhamento pastoral sirvam para a elaboração desse diagnóstico situacional, não é papel do conselheiro disseminar informações pessoais na comunidade cristã, sendo necessário a este o preparo adequado para essa função e a sensibilidade em trazer ao púlpito assuntos que sejam necessários, porém, com respeito e discrição (COELHO, 2011).

De acordo com Baxter,

Um pastor não deveria ser meramente um pregador público, mas deveria ser conhecido como um conselheiro de almas. Tal como o médico é para o corpo e o advogado para os bens, o conselheiro pastoral é para todas as coisas da vida e da piedade. Se as pessoas tiverem dúvidas ou dificuldades, devem levar o caso ao pastor para obter solução espiritual. Foi assim com Nicodemos, que veio a Cristo; e era assim com as pessoas de antigamente, que procuravam o sacerdote: "Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do SENHOR dos Exércitos - (Ml 2.7)", (BAXTER, 2008, p. 75).

Segundo Coelho (2011), o conselheiro pastoral precisa reconhecer o fato de que pastores não são terapeutas seculares. Justifica-se que o primeiro lida com igrejas e que o segundo, com clínica psicológica. A dissociação, segundo ele, é necessária para que os conselheiros pastorais não deixem de pautar suas orientações nas escrituras sagradas da Bíblia, substituindo-a por outros

campos da ciência, sem temor a Deus, beirando assim o aconselhamento não cristão, que visa tão somente aliviar o fardo humano e não um tratamento efetivo da alma.

Ainda, conforme Coelho (2011), o papel do conselheiro pastoral não permeia somente no campo do alívio das dores humanas. Inclusive, muitas vezes traz a tona essa dor durante o processo de aconselhamento, quando, o aconselhado percebe o desvio de conduta em sua vida. Mas, tem sua ação efetiva na correção da conduta humana através da orientação dentro dos princípios da Bíblia. Possibilitando a vivência da Palavra de Deus e dos valores corretos, nos quais as pessoas encontrarão o alívio verdadeiro que o Espírito Santo proporciona.

Já para Friesen (2000, p. 26), o objetivo do aconselhamento pastoral é “tratar das tensões interiores e dos diferentes complexos que interferem na qualidade de vida”. Também é objetivo do aconselhamento pastoral libertar as pessoas de atitudes impróprias e distorções de percepção quanto à realidade, bem como dos medos, das culpas e das iras inadequadas. Por isso, o aconselhamento pastoral utiliza-se da fundamentação teórica e espiritual oferecida pela Palavra de Deus juntamente com os recursos que o conselheiro obtiver, como subsídio, da biologia, da pedagogia, da psicologia e da filosofia para atingir tal propósito.

Os recursos bíblicos permanecem básicos e preponderantes, como diretrizes, e os recursos das outras ciências afins permanecem como complementares e auxílios instrumentais do aconselhamento pastoral, prestando o entendimento de que em sua ótica cabe aos conselheiros buscar também outros recursos, complementares, que serão auxiliares no trato humano para a transmissão dos ensinamentos divinos.

Percebe-se que ambos os autores ressaltam a preocupação de que o conselheiro pastoral deve sempre manter o foco nas lacunas que poderão ser preenchidas com os ensinamentos das Escrituras Sagradas, utilizando os recursos que a palavra bíblica traz, podendo qualquer outro campo da ciência ser utilizado, porém na função de complemento.

Coelho (2011), ainda define como papel do conselheiro estar disponível a ouvir o aconselhado sem realizar julgamentos perante o pecado, mas acolhendo com amor o pecador, buscando nos exemplos de Jesus a ternura. Deve-se também estar atento para o fato de que muitos fiéis o procurarão para buscar confirmação de suas atitudes, querendo apoio e compreensão ao invés de oportunidade para a transformação. Nem sempre desejarão mexer na causa fundamental do problema.

O conselheiro deve ser compreensivo, mas nunca conivente com o erro e com o pecado. Ainda assim, o conselheiro deve estar sempre intimamente ligado a Deus através da ação efetiva nas palavras das Escrituras Sagradas, buscando ser um exemplo vivo do evangelho e acima de tudo ter resiliência perante suas próprias dificuldades e de sua assembleia.

A orientação por meio do aconselhamento pastoral

Desde os primórdios os seres humanos utilizam da comunicação para transmitir e receber mensagens, sendo essa então entendida como algo inerente à humanidade e indispensável para a sua própria existência.

Hoch (1985, p. 96) afirma que “o ser humano aninha no seu interior uma estrutura feita para a comunicação”. Desta forma, vive a emitir mensagens que transmitem suas percepções e sentimentos, acerca das relações com outras pessoas e com o ambiente. Essa comunicação se dá por meio de diferentes formas de expressão e dos recursos tecnológicos por ele criados.

Em conformidade com essa linha de pensamento, Vegt (2001, p. 67), diz que “o ser humano é alinhado para o relacionamento, a comunicação e o diálogo, que por sua vez também são os recursos de que dispõe o aconselhamento pastoral”.

É a partir da interação por meio da comunicação que o ser humano influencia e é influenciado, proporcionando assim transformações. Essa interação é fundamental para a constituição da identidade e para o desenvolvimento de cada pessoa. No entanto, nesse processo de interação ocorre assimilações e construções positivas, como também negativas.

Segundo Hoch (1985), se um indivíduo tiver a oportunidade de se relacionar predominantemente com qualidade, emitindo e recebendo mensagens sadias, portadoras de segurança e de amor, a tendência é de que essa pessoa se desenvolva de forma equilibrada.

Nessa premissa, entende-se que é fundamental que o conselheiro pastoral possa colocar esforços para entender como acontecem as relações do indivíduo que vem buscar conselhos, pois se ele não foi desenvolvido dentro de um ambiente de relações equilibradas, pode-se indicar aí a primeira causa de seus problemas. Ainda seguindo esse autor, a arte do aconselhamento pastoral,

[...] consiste justamente em oportunizar relações significativas com as pessoas atendidas de modo que elas, experimentando uma nova forma de relação interpessoal, sejam capazes de adquirir consciência dos modelos opressivos de interação a que estavam submetidas e, aos poucos, ensaiar novos modelos de relacionamento. (Hoch, 1985, p. 97).

De acordo com Mendonça (2011), num processo básico de escuta, cabe ao conselheiro, durante esse processo, criar a empatia nessa comunicação e isso é possível se este se colocar de forma sensível e respeitosa nesse momento, em posição de escuta ativa, recebendo as informações, confirmando o entendimento dessas, prezando sempre pela comunicação clara e eliminando ruídos, além de, sempre que necessário, fazendo perguntas que demonstre o acompanhamento do relato e esclarecimento de pontos que possam estar obscuros.

No momento seguinte, dá-se a avaliação e o diagnóstico. Que por meio do processo da síntese do relato, busca-se a orientar o aconselhado e conquistar o seu arrependimento, fomentando

assim a busca por sua libertação. Na fase final, busca-se acompanhar o aconselhado com o propósito da renovação nessa vida. Esse processo conta com a persistência da manutenção da liberdade conquistada através de novos hábitos e de uma conduta de obediência a Deus.

Buscar inspiração para criar essa empatia necessária e fornecer as orientações assertivamente são bases que podemos encontrar no próprio Cristo, como afirma Vegt (2001) dizendo que enquanto viveu na terra, Jesus Cristo demonstrou ser um perfeito comunicador.

Jesus, conhecendo a natureza humana, construiu empatia criando identificação com todos a quem comunicou, transmitindo sua mensagem não só em palavras, mas em sua forma de olhar, em suas expressões corporais e em todas suas realizações durante sua vida.

Ele não esperava que as pessoas alcançassem seu nível intelectual para lhe entender, ao contrário, compreendeu o contexto a partir da situação daquele tempo e pregou assim em parábolas para que seu povo pudesse entender e tomar as lições como exemplos, conselhos.

Além de deixar um exemplo de metodologia para a transmissão das orientações das Escrituras Sagradas, Cristo deixou um exemplo de misericórdia e amor divino que pode ser aplicado por meio da linguagem do relacionamento humano.

Definição de Autoajuda

Ao buscar uma definição para o termo autoajuda, percebe-se que é uma tarefa desafiadora. Primeiro, porque o termo autoajuda vem carregado de concepções tanto da ciência quanto de conteúdos que fogem as regras de comprovação científica por serem completamente místicos ou subjetivos.

Segundo Ferreira (2008, p. 154), “autoajuda é o processo em que se utilizam os próprios recursos mentais com o fito de superar problema, dificuldades, de ordem psicológica ou prática. Conjunto de aconselhamentos e informações diretas e indiretas por meio de leituras, palestras que irão possibilitar a autoajuda”.

Leva-se em consideração, neste trabalho, não somente o termo autoajuda, mas também sua forma de divulgação, que é a literatura de autoajuda. Em sua forma ampla é entendida como a literatura que procura interceder em favor do indivíduo, a fim de que esse indivíduo possa se conhecer por meio de reflexões sobre o mundo e sua subjetividade, resultando na possibilidade de se auto ajudar em questões que normalmente precisaria da intervenção de terceiros.

A autoajuda, nesse sentido, excetua a necessidade de interferências de terceiros, pois induz o indivíduo a pensar e agir por si mesmo, ou seja, é um aspecto de sua prática a exclusão da ajuda de profissionais, uma vez que esses manuais defendem que a instrumentalização das respostas aos

anseios da vida estão inseridas naquela literatura e surtirão efeito por meio da internalização e consequente ação.

As literaturas de autoajuda

Segundo Rüdiger (2010), um dos principais pesquisadores do tema autoajuda, entende-se como literatura de autoajuda aquelas que proporcionam mediações por meio das quais as pessoas comuns procuram construir um eu de maneira reflexiva, gerenciar os recursos subjetivos e, desse modo, enfrentar os problemas colocados aos indivíduos pela modernidade.

Em outras palavras, podemos entender que os livros de autoajuda buscam trazer aos leitores certas “respostas” por meio das reflexões que propõe e que, em sua essência, são reflexos de questões maiores, que envolvem de forma geral as relações da sociedade contemporânea, ou seja, as relações dos seres humanos entre si, do ser humano com ele mesmo e com o meio, crenças, padrões, etc.

Mas o que é a tal subjetividade apresentada na questão?

Hall (2005) afirma que, na contemporaneidade, o sujeito não detém mais um núcleo autônomo que lhe confira uma identidade instável. As várias identidades que lhe são necessárias assumir no decorrer da vida, não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.

Ele declara que essas diversas identidades, no decorrer da vida, são percebidas e por vezes conflitantes. Essa variação exige constantes mudanças que tornam a ideia da identidade única, completa, segura e coerente, uma fantasia.

Ao invés dessa unidade, encontra-se um ambiente instável, uma multiplicidade desconcertante e cambiante de possíveis identidades com as quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente. Essa multiplicidade faz da identidade um estado sempre incompleto, ou seja, em constante processo de formação. Por isso Hall sugere a proposta de substituição do termo “identidade” que remete a uma essência sólida e completa, pelo termo identificação, com o intuito de tradução a uma identidade em constante formação, que por sua vez deve ser entendida como “uma inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas por meio das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros” (HALL, 2005, p. 93).

A esse estado de formação da identidade, ou dessa identificação com o meio nos quais os conceitos cada vez que os utilizamos, são veiculados sem perceber a modelos de representação da subjetividade, foram assim reconhecidos por Guattari e Rolnik (2005, p. 82), que sugerem então a substituição dos termos “identidade” e/ou “identificação” por “subjetividade” que crescentemente tem sido utilizado por autores em pesquisas sobre o assunto.

O processo de transformação por meio das literaturas de autoajuda

Rüdiger (2010) considera em suas análises o processo de transformação através das literaturas de autoajuda como um novo pensamento diante de outras tendências e ideias. Ele realiza uma profunda avaliação sobre o sentido e o que o processo significa na formação social-histórica representada pelo individualismo contemporâneo.

Para ele, o processo de autoajuda por meio das literaturas, significa acordos, onde se considera as bibliografias como manuais que, por meio de uma linguagem prescritiva, ensinam como vencer na vida. E, procuram dar lições sobre crescimento pessoal constituindo-se em dispositivos por meio dos quais as “massas urbanas articulam sua conversão ao individualismo” (RÜDIGER, 2010, p. 238).

Ainda segundo o autor, o termo foi empregado inicialmente com o sentido moral de formar o caráter, self-help, que significaria para os adeptos desse novo pensamento a utilização do poder mental, em especial do pensamento positivo, para alcançar sucesso e riqueza.

Dentro dos conceitos destacados, podemos então entender que as literaturas de autoajuda tem o papel, a função, de sustentar, até certa forma, a ideia generalista de uma identidade fixa no mundo contemporâneo, a fim de fornecer padrões que auxiliarão à conquista desejada.

O estilo da literatura de autoajuda tem sido estimulado com o intuito de ensinar os leitores a resolverem, por meio da indicação dos caminhos a serem seguidos, os conflitos causados pelos padrões impostos pela sociedade pós-moderna, conquistando assim cada vez mais espaço no mercado literário.

São diversos os motivos que podem levar um indivíduo a buscar as literaturas de autoajuda como um consolador às angústias, preocupações ou desejos. De acordo com Stoll (2009), os leitores geralmente são atraídos por esse gênero literário, buscando ajuda para conquista de sucesso nos campos profissional, amoroso, financeiro e pessoal de suas vidas. Esse tipo de literatura é composto por uma gama de temas que geralmente envolvem a questão da prosperidade, da responsabilidade pessoal pela própria felicidade e bem-estar, e a afirmação do poder da mente como instrumento de autotransformação.

As reflexões dos gêneros de autoajuda geralmente se iniciam sugerindo a busca pelo autoconhecimento. Mas, considerando a pluralidade de situações particulares nas quais os leitores podem estar inseridos (contexto de vida) e como não é possível prever todas essas situações em um único livro e nem mesmo em uma coletânea deles, esse tipo de literatura poderá causar uma supra expectativa de que o leitor conseguirá atingir os seus objetivos, que são enunciados na oferta destes livros, bastando simplesmente realizar a leitura deles e ter seus pensamentos e atitudes positivas.

Ao desconsiderarem-se os contextos em que as pessoas estão submetidas em seu cotidiano e gerando uma falsa ideia de que, se não houver sucesso em sua empreitada, a responsabilidade é somente dela, ou por não ter aplicado os conceitos do livro corretamente, ou por não ter persistência, ou por qualquer outro fator pessoal, do qual por vezes, sozinho o indivíduo não tem a motivação necessária para mudar, ou às vezes, nem se quer a percepção dessa influência, pode produzir nelas um completo senso de incapacidade e profunda frustração.

Nessa direção, Barbosa (2008) afirma que quando se responsabiliza unicamente o indivíduo por tudo aquilo que lhe acontece, se reforça assim a ideologia capitalista, pois esta deixa de ser questionada se é positiva ou negativa para a sociedade. A culpa dos que nela fracassam caberia, então, apenas a esses que a ela não se ‘adequaram’.

Considerações Finais

No que tange as bibliografias referenciadas no presente artigo, podemos dizer que as diferenças entre o aconselhamento pastoral e a literatura de autoajuda detêm-se muito mais no campo do conceito de “Vida” e da metodologia empregada em cada caso do que em qualquer outro aspecto.

No primeiro caso, observa-se que é visado um cuidado integral com o indivíduo, considerando o contexto em que este está inserido, seu contato intimista para as orientações e sua motivação durante o processo de transformação. Reconhecendo ainda, a pluralidade dos contextos adversos do cotidiano e principalmente fornecendo a apresentação da base da proposta para a verdadeira mudança, qual seja, a Escritura Sagrada. Ao obedecer à consciência de que esta nos apresenta os ajustes necessários a nossa própria vida, nos é proporcionado assim nossa preservação em perfeita paz e harmonia. Nota-se também que durante o processo de aconselhamento pastoral se busca uma transformação de dentro para fora, pautando-se nas escrituras sagradas para a construção de uma personalidade sólida de condutas e preceitos morais e cristãos, que de acordo com a Bíblia conduzirá o indivíduo a um encontro com a verdadeira felicidade e as realizações da alma, sendo essas um processo colateral da motivação pautada na obediência a Cristo.

No segundo caso, sugere uma transformação de fora para dentro, buscando uma padronização desses contextos e a formatação das condutas, sugerindo um enquadramento, como um manual de boas práticas para o processo de transformação, desconsiderando assim qualquer particularidade da vida do leitor e sem a possibilidade de um acompanhamento durante o processo de transformação. Quando falamos de autoajuda, conforme descreveu Hall (2005, p.93), a transformação é motivada por um processo externo, onde o indivíduo busca mudanças para

satisfazer o seu desejo de imagem, ou seja, de como o outro o vê. É um processo que se inicia pelas formas por meio das quais se imagina ser vistos pelos outros.

Diante dos resultados encontrados por meio da pesquisa proposta, os autores do presente artigo entendem ter respondido a questão central que norteou a pesquisa, que teve como objetivo analisar os paradigmas do aconselhamento pastoral, confrontando com a prática da leitura das bibliografias de autoajuda, buscando assim encontrar aspectos da eficiência de ambas as práticas na efetividade da transformação humana.

Ao não se encontrar material bibliográfico que invalide, sem contestação, uma das práticas apresentadas neste artigo, partiu para a conclusão de que em ambas as metodologias se pode conquistar transformações e objetivos, porém, consideraremos os riscos pautados nas diferenças entre elas.

Averigua-se assim que a prática do aconselhamento pastoral é um processo interativo de comunicação que leva em conta as diferentes dimensões do ser humano. Isso significa que ao mesmo tempo em que o aconselhamento pastoral procura colher as informações referentes à vida do aconselhado e propor resoluções perante as dificuldades, do ponto de vista religioso e espiritual, ele não deixará de considerar as demais dimensões dessa vida, sejam elas de ordem econômicas, culturais, emocionais ou políticas. Nesse sentido, o aconselhamento pastoral não se opõe ao uso de conhecimentos multidisciplinares, valorizando inclusive a articulação com outras ciências no processo de ajuda ao indivíduo.

Por meio da prática do aconselhamento pastoral a transformação tende a ser mais efetiva, sólida e verdadeira. E com embasamento no entendimento de que as orientações guiadas pelas escrituras sagradas possibilitam estabelecer uma renovação interna que refletirá no exterior, como consequência dessa mudança, pode-se afirmar que ela é mais eficiente.

Notamos que a literatura de autoajuda pode surgir para os indivíduos como um meio de compreensão e de busca de si mesmos durante suas crises de identidade pós-moderna, mas que nem sempre esse processo será eficaz por não considerar as particularidades da vida do indivíduo e as adversidades de seu contexto. Além disso, é um processo de incômodo externo que se iniciará através do desejo pela mudança, sendo um fator que poderá ocasionar resultados temporários, ou seja, cada vez que o contexto externo mudar, novas necessidades poderão se apresentar, gerando assim um processo de insatisfação constantemente presente.

O processo de aconselhamento pastoral, por sua vez, nem sempre estará isento de dor, pois considerando que nossos hábitos se tornam nossa segunda natureza, alterá-los para corrigir problemas da vida, ou mesmo enfrentar os problemas quando nos sentimos impotentes diante deles, não é fácil. No entanto, quando esse processo acontece de dentro para fora, de forma acompanhada, tendo a possibilidade da interação humana com o conselheiro preparado para essa tarefa, pautado no

correto ensinamento Cristão, entendemos que a partir desse modelo cuidadoso, a prática tenderá a ser mais assertiva, surgindo assim a eficácia necessária para a transformação do indivíduo, alinhando a sua natureza aos ensinamentos bíblicos.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONSELHEIROS BÍBLICOS - <http://abcb.org.br/por-que-aconselhar/> - Acesso em 03/10/2016.
- BARBOSA, H. **Muito dinheiro no bolso, saúde pra dar e vender:** a literatura de autoajuda. Jornal O Lince, São Paulo, Ed. 23. Nov. 2008.
- BAXTER, R. **Manual Pastoral de Discipulado.** Traduzido por Elisabeth Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- _____. **O Pastor Aprovado:** Modelo de ministério e crescimento pessoal. Tradução Odayr Olivetti. 2. ed. São Paulo: PES. 1996.
- BOFF, L. **Ética e moral:** a busca dos fundamentos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CLINEBELL, H. J. **Aconselhamento pastoral:** modelo centrado em libertação e crescimento. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011.
- COELHO, Filho, I. G. **A pratica do aconselhamento pastoral,** 2011. Disponível em: <http://www.isaltino.com.br/2011/11/a-pratica-do-aconselhamento-pastoral> - Acesso em 20/08/2016
- COLLINS, G. **Aconselhamento Cristão.** São Paulo: Vida Nova, 2004.
- CRABB, L. R. **De Dentro para Fora.** Minas Gerais: Betânia, 1992.
- DUARTE, V. M. N. **Pesquisas:** Exploratória, Descritiva e Explicativa. Disponível em: <http://monografias.brasilecola.com/regras-abnt/pesquisas-exploratoria-descritiva-explicativa.htm> – Acesso em 09/08/2016
- FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio:** o dicionário da Língua Portuguesa. 7. ed. rev. cf. novo Acordo Ortográfico. Curitiba: Positivo, 2009.
- FRIESEN, A. **Cuidando do ser:** treinamento em Aconselhamento Pastoral. 3. ed. Curitiba: Esperança, 2015.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica:** cartografias do desejo. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GOMES, W. M. **Aconselhamento Redentivo.** São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade.** 10ª ed. São Paulo : DP&A, 2005.
- HOCH, L. C. **Psicologia a Serviço da Libertação:** Possibilidades e Limites da Psicologia na Pastoral do Aconselhamento. Estudos Teológicos, v. 25, nº 23. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1985.
- HURDING, R. F. **A árvore da cura:** fundamentos psicológicos e bíblicos para aconselhamento cristão e cuidado pastoral. São Paulo: Vida Nova, 2015.

MANZATTO, A. **O Teólogo responsável pelo mundo**. São Paulo, Ciber Teologia – Revista de Teologia e Cultura, 2007 – Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/notas/o-teologo-responsavel-pelo-mundo/> - Acesso em 03/10/2016.

MENDONÇA, M. **Aconselhamento Pastoral**, 2011 – Disponível em: <http://www2.unifap.br/mariomendonca/files/2011/05/Aconselhamento-Pastoral.pdf> - Acesso em 12/10/2016.

RÜDIGER, R. F. **Literatura de autoajuda e individualismo**: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. 2. ed. Porto Alegre: Gattopardo, 2010.

STOLL, S. **Encenando o invisível**: a construção da pessoa em ritos mediúnicos e performances de “autoajuda”. v. 29. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, 2009.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. **A teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

VEGT, T. **Aconselhamento visto pela ótica da psicologia**. Porto Alegre, EDC, 2001.

ANEXO – Normas da Revista Eletrônica de Ciências Humanas da FUNVIC

Diretrizes para Autores

Os trabalhos devem ser redigidos em português, com uso obrigatório da norma culta. Os nomes dos autores, bem como a filiação institucional de cada um, devem ser inseridos nos campos adequados a serem preenchidos durante a submissão e não devem aparecer no arquivo. A Revista Eletrônica de Ciências Humanas sugere que o número máximo de autores por artigo seja 6 (seis). Artigos com número superior a 6 (seis) serão considerados exceções e avaliados pelo Conselho Editorial que poderá solicitar a adequação. Pesquisas feitas com seres humanos e animais devem, obrigatoriamente, citar a aprovação da pesquisa pelo respectivo Comitê de Ética. O não atendimento de tal proposta pode implicar em recusa de sua publicação. Da mesma forma, o plágio implicará na recusa do trabalho.

Os autores dos artigos aceitos poderão solicitar a tradução do artigo para língua inglesa aos tradutores indicados pela revista e reenviar. Os custos com a tradução serão de responsabilidade dos autores.

O periódico disponibilizará aos leitores o conteúdo digital em ambos os idiomas, português e inglês.

O uso da norma culta da Língua Portuguesa e a obediência às normas da Revista são de total responsabilidade dos autores. A não obediência a esses critérios implicará na recusa imediata do trabalho.

APRESENTAÇÃO DO MATERIAL

Sugere-se um número máximo de 20 páginas, incluindo referências, figuras, tabelas e quadros. Os textos devem ser digitados em **Fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5, justificado, exceto Resumo e Abstract**. Devem ser colocadas margens de 2 cm em cada lado.

As Figuras: gráficos, imagens, desenhos e esquemas deverão estar inseridas no texto, apresentar boa qualidade, estar em formato JPEG, com resolução de 300dpi com 15cm x 10cm. O número de figuras deve ser apenas o necessário à compreensão do trabalho. Não serão aceitas imagens digitais artificialmente 'aumentadas' em programas computacionais de edição de imagens. As figuras devem ser numeradas em algarismos arábicos segundo a ordem em que aparecem e suas legendas devem estar logo abaixo.

Tabelas e Quadros: deverão ser numerados consecutivamente com algarismos arábicos e encabeçados pelo título. As tabelas e os quadros devem estar inseridos no texto. Não serão admitidas as tabelas e quadros inseridos como Figuras.

Títulos de tabelas e quadro e legendas de figuras deverão ser escritos em tamanho 11 e com espaço simples entre linhas.

Citação no texto: deve-se seguir as Normas da ABNT (NBR 10520, 2003). As citações deverão aparecer no texto, seguidas pelo ano de publicação. As chamadas pelo sobrenome do autor, pela instituição responsável ou título podem ser: a) incluídas na sentença: sobrenome (ano). Ex.: Gomes, Faria e Esper (2006) ou b) entre parênteses: (SOBRENOME, ano). Ex.: (GOMES; FARIA; ESPER, 2006). Quando se tratar de citação direta (transcrição literal), indicar, após o ano, a página de onde o texto foi extraído. O trecho transcrito deverá estar entre aspas quando ocupar até três linhas. As citações diretas com mais de três linhas devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, ser escritas com letra menor que a do texto utilizado, com espaçamento entre linhas menor do que o utilizado no texto e sem aspas. Citações indiretas de vários documentos simultaneamente devem constar em ordem alfabética (como nas referências). Citação de citação: autor citado (ano apud AUTOR, ano). Deve-se fazer a referência do autor lido. Ex.: Pádua (1996 apud FERNANDES, 2012, p. 5) salienta que "[...] pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas [...]".

Teses, dissertações e monografias, solicitamos que sejam utilizados apenas documentos dos **últimos três anos** e quando não houver o respectivo artigo científico publicado em periódico. Esse tipo de referência deve, obrigatoriamente, **apresentar o link** que remeta ao cadastro nacional de teses da CAPES e aos bancos locais das universidades que publicam esses documentos no formato pdf.

Grafia de termos científicos, comerciais, unidades de medida e palavras estrangeiras: os termos científicos devem ser grafados por extenso, em vez de seus correspondentes simbólicos abreviados. Para unidades de medida, deve-se utilizar o Sistema Internacional de Unidades. Palavras em outras línguas devem ser evitadas nos textos em português, utilizar preferentemente a sua tradução. Na impossibilidade, os termos estrangeiros devem ser grafados em itálico. Toda abreviatura ou sigla deve ser escrita por extenso na primeira vez em que aparecer no texto.

ESTRUTURA DO ARTIGO

PESQUISAS ORIGINAIS devem ter no máximo 20 páginas com até 40 citações; organizar da seguinte forma:

Título em português: caixa alta, centrado, negrito, conciso, com um máximo de 25 palavras;

Título em inglês (obrigatório): caixa alta, centrado. Versão do título em português;

Resumo: parágrafo único sem deslocamento, fonte tamanho 11, espaço 1, justificado, contendo entre 150 e 250 palavras. Deve conter a apresentação concisa de cada parte do trabalho, abordando objetivo(s), método, resultados e conclusões. Deve ser escrito sequencialmente, sem subdivisões. Não deve conter símbolos e contrações que não sejam de uso corrente nem fórmulas, equações, diagramas;

Palavras-chave: de 3 a 5 palavras-chave, iniciadas por letra maiúscula, separadas e finalizadas por ponto.

Abstract (obrigatório): fonte tamanho 11, espaço 1, justificado, deve ser a tradução literal do resumo;

Keywords: a apresentação deverá ser a mesma das Palavras-chave em Português.

Introdução: deve apresentar o assunto a ser tratado, fornecer ao leitor os antecedentes que justificam o trabalho, incluir informações sobre a natureza e importância do problema, sua relação com outros estudos sobre o mesmo assunto, suas limitações. Essa seção deve representar a essência do pensamento do pesquisador em relação ao assunto estudado e apresentar o que existe de mais significativa na literatura científica. Os objetivos da pesquisa devem figurar como o último parágrafo desse item.

Método: destina-se a expor os meios dos quais o autor se valeu para a execução do trabalho. Pode ser redigido em corpo único ou dividido em subseções. Especificar tipo e origem de produtos e equipamentos utilizados. Citar as fontes que serviram como referência para o método escolhido.

Resultados: Nesta seção o autor irá expor o obtido em suas observações. Os resultados poderão estar expressos em quadros, tabelas, figuras (gráficos e imagens). Os dados expressos não devem ser repetidos em mais de um tipo de ilustração.

Discussão: O autor, ao tempo que justifica os meios que usou para a obtenção dos resultados, deve contrastar esses com os constantes da literatura pertinente; estabelecer relações entre causas e efeitos; apontar as generalizações e os princípios básicos, que tenham comprovações nas observações experimentais; esclarecer as exceções, modificações e contradições das hipóteses, teorias e princípios diretamente relacionados com o trabalho realizado; indicar as aplicações teóricas ou práticas dos resultados obtidos, bem como, suas limitações; elaborar, quando possível, uma teoria para explicar certas observações ou resultados obtidos; sugerir, quando for o caso, novas pesquisas, tendo em vista a experiência adquirida no desenvolvimento do trabalho e visando a sua complementação.

Conclusões: Devem ter por base o texto e expressar com lógica e simplicidade o que foi demonstrado com a pesquisa, não se permitindo deduções. Devem responder à proposição.

Agradecimentos (opcionais): O autor deve agradecer às fontes de fomentos e àqueles que contribuíram efetivamente para a realização do trabalho. Agradecimento a suporte técnico deve ser feito em parágrafo separado.

Referências (e não bibliografia): Espaço simples entre linhas e duplo entre uma referência e a próxima. As referências devem ser numeradas na ordem em que aparecem no texto. A lista completa de referências, no final do artigo, deve estar de acordo com as normas da ABNT (NBR 6023, 2003). Quando a obra tiver até três autores, todos devem ser citados. Mais de três autores, indicar o primeiro, seguido de et al. Alguns exemplos:

Artigo publicado em periódico:

LUDKE, M.; CRUZ, G. B. dos. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. **Caderno de pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 125, p. 81-109, maio/ago. 2005.

Artigo publicado em periódico em formato eletrônico:

SILVA JUNIOR, N. A. da. Satisfação no trabalho: um estudo entre os funcionários dos hotéis de João Pessoa. **Psico-USF**, Itatiba, v. 6, n. 1, p. 47-57, jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712001000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 jul. 2015.

Livro (como um todo)

MENDONÇA, L. G. et al. **Matemática financeira**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

Capítulo de livro

MARTÍN, E.; SOLÉ, I. A aprendizagem significativa e a teoria da assimilação. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**: psicologia da educação escolar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. cap. 3, p. 60-80.

ARTIGOS DE REVISÃO

Poderão ser aceitos para submissão, desde que abordem temas de interesse, atualizados. Devem ser elaborados por pesquisadores com experiência no campo em questão ou por especialistas de reconhecido saber. Devem ter até 20 páginas, incluindo resumos, tabelas, quadros, figuras e referências. As tabelas, quadros e figuras limitadas a 06 no conjunto, devem incluir apenas os dados imprescindíveis. As figuras não devem repetir dados já descritos em tabelas. As referências bibliográficas devem ser limitadas a 60. Deve-se evitar a inclusão de número excessivo de referências numa mesma citação.

Devem conter: título em português e inglês, resumo e abstract (de 150 a 250 palavras), palavras-chave/keywords, introdução, método (como nos artigos de pesquisas originais) considerações finais (neste item serão retomadas as diferentes colocações dos autores estudados de maneira a conduzir a um fechamento, porém, não havendo conclusões definitivas), agradecimentos (caso necessário), referências.

Ou, em caso de artigos de revisão de literatura contendo metanálise, depois do item método deverá ser apresentado o item resultados (contendo a metanálise) e as conclusões.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao editor".
2. O arquivo da submissão está em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF.
3. URLs para as referências foram informadas quando possível.
4. O texto está em espaço simples; usa uma fonte de 12-pontos; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento na forma de anexos.
5. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em [Diretrizes para Autores](#), na página Sobre a Revista.
6. Em caso de submissão a uma seção com avaliação pelos pares (ex.: artigos), as instruções disponíveis em [Assegurando a avaliação pelos pares cega](#) foram seguidas.
- 7.

Declaração de Direito Autoral

Declaração de direito autoral

Os autores devem revisar o trabalho antes de enviá-lo, autorizando sua publicação na Revista Eletrônica de Ciências Humanas.

Devem declarar que:

nem o trabalho, nem outro substancialmente semelhante em conteúdo, já tenha sido publicado ou está sendo considerado para publicação em outro periódico, no formato impresso ou eletrônico, sob sua autoria e conhecimento; o referido trabalho está sendo submetido à avaliação com a atual filiação dos autores; os autores ainda concordam que os direitos autorais referentes ao trabalho se tornem propriedade exclusiva da Revista Eletrônica de Ciências Humanas desde a data de sua submissão. No caso de a publicação não ser aceita, a transferência de direitos autorais será automaticamente revogada.

Todas as afiliações corporativas ou institucionais e todas as fontes de apoio financeiro ao trabalho estão devidamente reconhecidas.

Por conseguinte, os originais submetidos à publicação, deverão estar acompanhados de Declaração de Direitos Autorais, conforme modelo:

DECLARAÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Nós, abaixo assinados, transferimos todos os direitos autorais do artigo intitulado (título) à Revista Eletrônica de Ciências Humanas.

Declaramos ainda que o trabalho é original e que não está sendo considerado para publicação em outra revista, quer seja no formato impresso ou no eletrônico. Certificamos que participamos suficientemente da autoria do manuscrito para tornar pública nossa responsabilidade pelo conteúdo.

Assumimos total responsabilidade pelas citações e referências bibliográficas utilizadas no texto, bem como pelos aspectos éticos que envolvem os sujeitos do estudo.

Data:

Assinaturas

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

Autorização de Reprodução

Autorizamos cópia total ou parcial desta obra, apenas para fins de estudo e pesquisa, sendo expressamente vedado qualquer tipo de reprodução para fins comerciais sem prévia autorização específica dos autores. Autorizamos também a divulgação do arquivo no formato PDF no banco de monografias da Biblioteca institucional.

Edméa Correa da Silva

Rone Max Helker

Pindamonhangaba, Novembro de 2016.